



## MOÇÃO

### **50 Anos da Crise Académica de 1969: Afirmação das aspirações do passado no presente**

Não é justo estabelecer comparações directas entre o passado e o presente, mas também não é justo ignorar o mesmo passado e achar que não teve consequências directas na realidade em que hoje vivemos. Exemplo primordial da herança histórica que carregamos é o Estado democrático actual, conquistado com o 25 de Abril com a derrota do fascismo, mas sustentado por um vasto processo de luta popular no qual os estudantes tiveram um papel fundamental. A discussão tida em sede de ENDA é apenas um reflexo dessa conquista. A superação do fascismo não foi fácil mas, nessa altura de grande dificuldade, os estudantes e o movimento associativo estudantil tiveram a união e a coragem necessária para se organizarem e lutar.

No próximo ano de 2019 cumprem-se 50 anos da crise Académica de Coimbra, um momento hoje lembrado com admiração pela bravura com que os estudantes se bateram por um Ensino democrático, face à repressão do regime fascista. Injusto é apontar um só momento como o despoletar desta crise académica. Deve-se salientar todo o processo reivindicativo dos estudantes de então que, numa acção cada vez mais intensa, foram progressivamente aumentando a oposição ao fascismo. O episódio do pedido de palavra por Alberto Martins, então presidente da Direcção-Geral da AAC, que lhe foi negado posteriormente,

ganhou um grande simbolismo por ser demonstrativo da falta de liberdade de expressão promovida, tendo em conta que estavam presentes na sala o Presidente Américo Thomaz e o ministro da Educação, José Hermano Saraiva. Após esse episódio, começaram as prisões e suspensões de estudantes e foi decretado o luto académico em Assembleia Magna, passando as aulas a ser reuniões e debates. Na incapacidade do regime da época de responder a toda a agitação causada pelos estudantes, foi ordenado o fecho da Universidade de Coimbra, mas a manutenção do calendário de exames, com o destacamento para a Guerra Colonial em caso de insucesso académico como meio de intimidação. Decretou-se então greve aos exames e a eles faltaram cerca de 87% dos estudantes.

Actualmente, não é possível fazer um paralelismo tão directo com os acontecimentos de 1969 devido à forte diferença de realidades vividas. No entanto, uma coisa podemos fazer: afirmar e defender a crise académica e a sua importância histórica, aliando a isso as reivindicações que hoje o movimento associativo tem.

É unânime que a falta de financiamento para o Ensino Superior é um problema estrutural e, a par disto, temos consciência que está na hora de acabar com o paradigma de serem as famílias a financiarem o mesmo. Surge como consensual a permanência de uma escassa rede de residências universitárias e a falta de resposta às necessidades dos estudantes por parte do Estado. Por sua vez, a inexistência de bolsas para todos os estudantes que delas necessitam e a sua lenta atribuição coloca graves problemas nas suas vidas.

Deve então ser unânime que, se há falta de apoios via Acção Social Escolar e barreiras económicas que vedam o acesso ao Ensino Superior, a defesa de um Ensino Superior público, gratuito e de qualidade, é também uma questão democrática que está em causa e que temos de defender.

Assim, as Federações e Associações Académicas e de Estudantes, reunidas em sede de Encontro Nacional de Direcções Associativas, nos dias 15 e 16 de Dezembro,

1. Convocar cortejos académicos para o dia 21 de Março, de modo a afirmar os valores da crise académica de 1969 e a necessidade urgente de alteração de políticas para o Ensino Superior, de forma a reverter a progressiva elitização que se foi criando e exigir um Ensino Superior realmente público, gratuito, democrático e de qualidade.
2. Criar um grupo de trabalho composto por delegados das Associações e Federações interessadas em concretizar as ações acima descritas, com o objectivo de preparar os cortejos referidos.

**Proponente:** AEFCSH

**Endereçado:** Federações e Associações Académicas e de Estudantes.